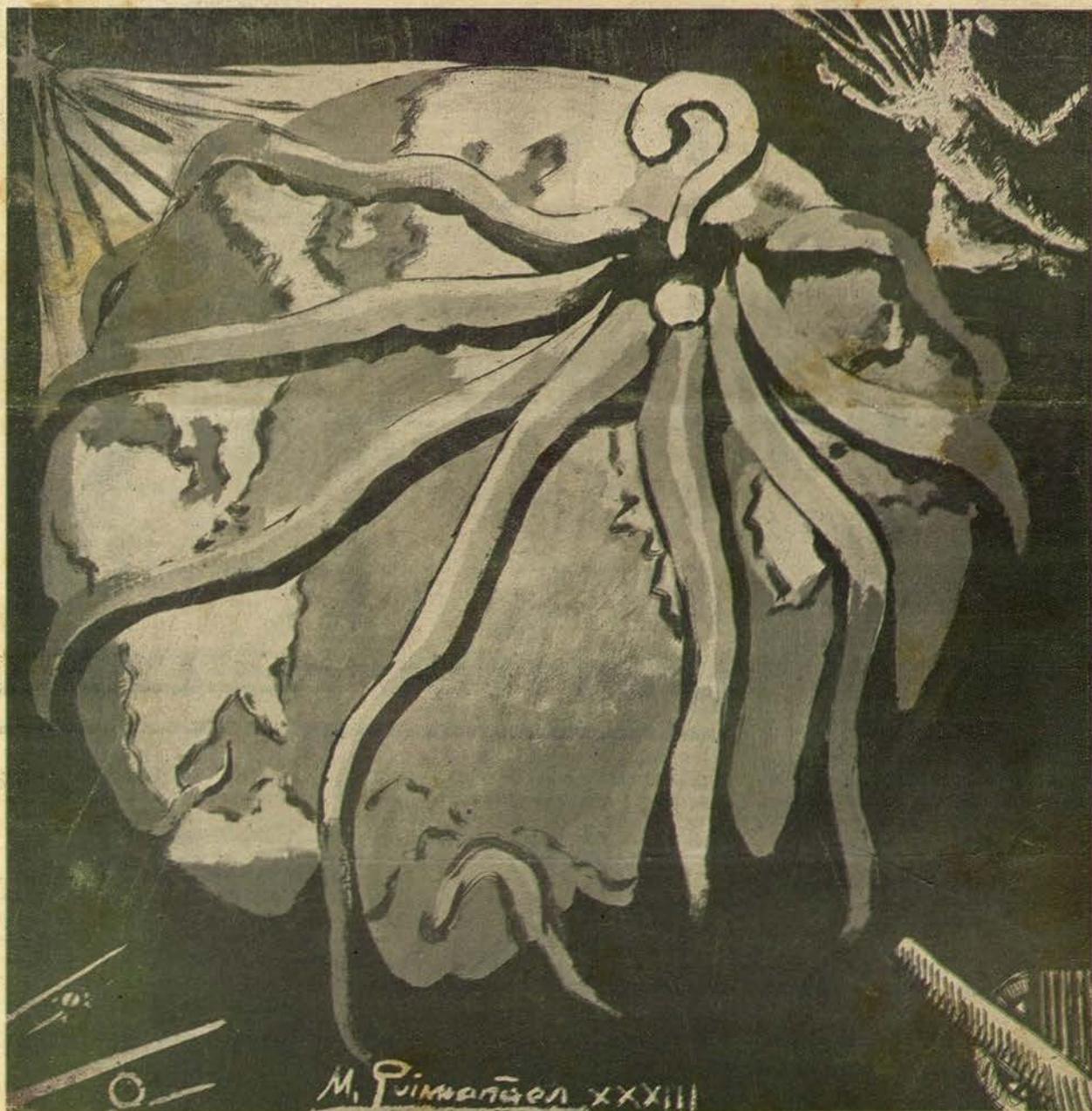


# REPORTAGEM

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NÚMERO: — Homens & Factos do Dia — Braga... às escâncaras — Nos bastidores da Ourivesaria Aliança — O Crime da Pôça das Feiticeiras — Cavernas, no século XX! — Uma aventura curiosa em terras marroquinas — Uma página de riso, etc., etc.



**N**ão sei se o leitor algum dia se deu o trabalho de esmiuçar o modo como brotam essas lombrigas sociais que por aí rastejam, deambulando ao acaso por ruas e praças, o olhar tórvo fixo no vácuo ou no cimento dos passeios, rostos inexpressivos, caras patibulares, tragédias vivas que deslizam como espectros perante a humana indiferença dos convivas fartos no grande festim da vida. Não sei... Mas creio que há-de vibrar de indignação ao escutar esta narrativa verdadeira e simples, triste romance dos nossos dias cujos comparsas talvez conheça. Porque, se a miséria geralmente acompanha o ser desde o grabato sórdido que lhe escutou os primeiros vagidos, vezes há em que é a mão criminosa dos homens que empurra a vítima, num requinte de perversidade egoísta, atirando-a ao esterquilínio onde a virtude e a honra se afogam sem remédio.

Horácio Varziela era um rapaz alto, forte, garboso, levemente trigueiro, cabelo negro às ondas, maneiras correctas, natureza alegre, talhado a preceito para vencer na grande batalha da existência. Nasceu para o comércio, abrindo caminho como praticista exímio. Um dia, na quadra descuidosa em que tudo é cheiro a feno e o amor atrai como polpa de romã, viu a menina a que havia de enfiar-se por paixão irresistível. Ela, ao deparar-lho a sorte, nêle vislumbrou a satisfação de todos os seus anseios.

Casaram. E a sogra de Horácio, prolecta senhora viúva havia muito, negociante, proprietária, dona de lar desafogado e abundoso, não quis separar-se da filha.

O casal era feliz. Horácio redobrava de esforços para que nada faltasse ao aconchego do ninho. As auras da sorte sopravam de favor, auxiliando-o em tudo. Estabeleceu-se. E Paris mandou-lhe também, no bico das cegonhas, o *bibelot* sem preço de uma filha encantadora.

Os parentes passaram a cumulá-lo de atenções. Era candidato à riqueza, às opulências do fausto. Todos, à compita, buscavam sobredourar-lhe o viver tranqüilo, porque a todos distinguia também o seu trato lhano e bizarro. O deus Milhão tinha posto o bico do pé na soleira daquela porta; e a família adulava-o, à semelhança dos estranhos, uns e outros seduzidos pelo ante-luzir de promissora abastança.

O tempo foi dobando a sua meada sem fim. O leitor recorda-se das temerosas oscilações de há poucos anos. Em seguida

à feeria do após-guerra, de convulsão em convulsão, deu-se nos negócios a inevitável queda para o centro. Normalisava-se a lei da oferta e da procura. A cada ciclo activo, outro se lhe seguira de estatismo. Era a cadeia de espasmos antecedente da crise actual. Derrocava boa parte do alto comércio. Grandes emprêsas, aparentemente sólidas, arrastavam na queda os cabedais de opulentas famílias. A quebra dos bancos era o tragadouro de remediados e humildes. Multiplicavam-se as falências no pequeno comércio. Um sismo violento sacudia o mundo.

Horácio não pôde furtar-se ao descalabro geral. Faliu, como muitos outros. Viu os seus haveres penhorados. Entrou-lhe em casa uma quasi miséria. O seu drama íntimo mas pungente, principiou então.

Um primo afim tinha-lhe emprestado alguns contos de reis para verter no negócio. Foi o prelúdio do descrédito. Esse homem, colocado numa grande emprêsa, ao facto das terríveis condições da vida moderna, conhecendo como poucos a capa-

na rua, quando Horácio passava, a peçonha salpicava-lhe o fato. De aí em diante viu-se forçado a demandar a pequena alcova onde encontrava a espôsa e a filha, só à noite, caladamente, soturnamente, muito depois das luzes acêsas, saindo logo aos primeiros alvôres da manhã seguinte. A família da mulher repudiava-o. A sua família fechava-lhe a porta, rugando-lhe os meios de se reequilibrar. Era o abandono em tôda a linha, a destruição pelo desânimo das suas faculdades de trabalhador emérito.

Um mal traz após si outro mal. Formase o círculo vicioso, círculo de ferro de onde se não sai mais. A desgraça é labirinto complicado e sombrio que quanto mais se palmilha, tanto mais se adensa e ramifica. Horácio meteu-se a beber. O vinho é o refúgio dos decaídos quando precisam trocar as agruras da realidade pela volúpia do sonho. Mau é, contudo, beber o primeiro copo, germe do primeiro delicto. É assim que principia a incubação dos grandes crimes.

Certa vez, Horácio cometeu uma pequena falta — falta aliás remediável. A família poderia salvá-lo do apêrto, sem esforço; obra de boa-vontade, questão, apenas, de clara compreensão. Preferiu, em vez de isso, abandoná-lo de todo. O corte foi decisivo e brutal. E um dilema se lhe pôs: ou

separar-se da espôsa e da filha — ou levá-las, às duas, para as pedras da calcada, sem eira nem beira, sem arrimo nem teto.

Olhou êle a noite que principiava a acender estrelas; viu a rua egoísta e fria, indiferente à sua tragédia; perscrutou, entre o casario da cidade, as moradias dos companheiros e amigos de outros tempos, tôdas carrancudas e fechadas; mediu em tôda a extensão a vaga fatalista que o submergia; resolveu, por amor da mulher e da filha, deixar as duas ao abrigo da sogra — e saiu, abalou, entregou-se ao fatalismo atroz do seu destino...

Inútil dizer que os fados se estão cumprindo. De queda em queda, Horácio entrou há pouco numa casa de saúde, com guia da polícia, de onde, possivelmente, não sairá com vida. Não é mais o homem vigoroso de outros tempos. Está perdido para si e para a sociedade. E só agora — incongruência repuxada ao cubo! — uma réstea de piedade se estampa no platónico desejo de sanar o que não mais terá cura.

Condenado a vaguear como um duende,

(CONCLUI NA PÁGINA 10)

# HOMENS

## &

# FACTOS DO DIA

HISTÓRIA DE UM CASO TRISTE

cidade de trabalho de Varziela, sabendo muito bem que o falido de hoje é, muitíssimas vezes, o reabilitado de amanhã — principalmente quando a mocidade ajuda e o amparo moral é chamado ao cumprimento do dever — esse homem, diziamos nós, arvorou-se num autêntico sicário. Picou-o a vespa maligna do ciúme. Quis dirigir, pontificar, impedindo que os outros partilhassem da confiança da bondosa senhora, sogra de Varziela, sobre quem começava a exercer um imperioso ascendente. O desprestígio do rapaz talvez obstasse ao reembolso da quantia em débito. Mas em paga ficaria livre, para manobrar à vontade interesses muito mais vultuosos. Há naturezas assim, interesseiras e tacanhas, microscópicas, egoístas ao último ponto, dotadas de rara maestria no maquiavelismo e na intriga.

A campanha surtiu efeito. Em casa e

**DR. A. SANTOS AMARAL**

MÉDICO

Rins e Vias Urinárias — Sifilis

CLÍNICA GERAL

Consultas das 15 às 20 horas

Telef. 5785

R. Bomjardim, 622-A

PORTO

## ASSOCIAÇÕES...

## Nos meandros da Associação de Socorros Mútuos da Afurada

CONTINUAMOS hoje a nossa reportagem sobre este tão discutido caso da Associação da Afurada, prosseguindo nas revelações acerca dos propósitos com que são prejudicados os direitos dos sócios da mesma colectividade.

Num total de dois mil e quinhentos, os seus associados degladiam-se, presentemente, com um inimigo temível e implacável, — o cartorário Albino da Costa Silveira, — e é em vão que o tentam afastar dum lugar que está a exercer... zombeteiramente, — sem, contudo, conseguirem os seus intentos.

Continuando a dilatar em considerações a entrevista que tivemos, à beira-rio, com um alguém que nos pôs ao facto do que se passava *inter-muros* da Associação, vamos levar ao conhecimento dos leitores o *looping-the-loop* que o senhor cartorário fez girandolar em redor do

## Falecimento dum sócio

A 9 de Junho de 1982, falecia o associado da colectividade, sr. Francisco Monteiro, do Candal. A sua família, necessitada como são todas as famílias dos sócios da Associação, dirigiu-se à direcção da mesma, solicitando o pagamento do subsídio a que tinha direito. O presidente, em face do ocorrido, garatujou um bilhete endereçado ao cartorário, dizendo-lhe para satisfazer a importância devida.

Porém, o senhor Silveira, obedecendo a fins ocultos, declarou, perentoriamente, que não pagava tal quantia, alegando que o falecido não se encontrava no gozo dos seus

**Como se iludem dois mil e quinhentos sócios — Subsídio que não é pago — A desculpa das cotas atrasadas... que não é plausível — A astúcia ardilosa do senhor cartorário — Pergunta inocente — Somam-se as ilegalidades**

direitos, visto ter as cotas atrasadas e, portanto, insolúvel o pagamento da importância.

Dá-se o caso que o associado, sete semanas antes de falecer, pagou ao cobrador da Associação oito cotas em conjunto, que estavam em atraso, facto este motivado pela doença que o perseguia.

Instado o famigerado cartorário para proceder ao pagamento do benefício pecuniário reclamado, alegou ele, então que tinham de passar tantas semanas quanto se pagavam juntas, — o que é inacreditável, em face dos estatutos que, no art. 14 dizem, claramente, e nós relembramos ao sr. Silveira:

«Todo o sócio efectivo que tiver pago para o cofre da secção de funerais, durante as primeiras 17 semanas, as respectivas cotas e o determinado nos números 1 e 2 do artigo 11.º e não deva ao cofre quantia superior a cinco semanas, de qualquer proveniência, tem direito a que lhe seja feito o enterro, etc., — que se realizará com a máxima decência.

Suponhamos, agora, que o sócio, em vez de solver as oito cotas, apenas liquidava três, ficando cinco em atraso.

Nesta conformidade, o sócio estava em pleno gozo dos seus direitos. E, como as cotas são pagas quinzenalmente, duas de Francisco Monteiro foram liquidadas no momento próprio, ficando o sócio, portanto, em débito de seis.

Estará o sr. Silveira, presentemente, convencido de que o sócio estava em pleno gozo dos seus direitos, tendo a família poderes edificantes para reclamar o que lhe competia?...

## A astúcia ardilosa do senhor cartorário

Sem alguém que tomasse a defesa da viúva contra as manhas do sr. Silveira, várias pessoas da família do falecido, — entre lágrimas comovedas de desespero e alicianças de protecção, — pediram auxílio a um associado para interceder junto do cartorário, afim de se conseguir ultimar a questão em foco.

Em face de tão angustiosa situação, foi satisfeita a vontade daqueles que imploravam o direito que lhes competia, prontificando-se o sr. José Pedro Lourenço a avisar-se com o já célebre Albino Silveira, para que este se pronunciasse definitivamente sobre o assunto.

E o senhor cartorário, usando mais uma vez dos seus habilidosos truques de *jongleur* insigne, comprometeu-se a procurar o Juiz do Tribunal de Previdência Social, e caso ele dissesse, em face do que lhe iria expôr, que deveria ser paga a importância solicitada, esta seria imediatamente satisfeita. Em caso contrário...

Entretanto, os dias foram correndo, e o associado incumbido de tratar da questão junto do cartorário, em vão via satisfeita a promessa do mesmo, — porque este raramente se encontrava em casa, furtando-se ao olhar dos que o procuravam.

Tentou-se, então, um último recurso. Era necessário saber a resposta do Juiz, — e abalaram, família e associado, ao Tribunal, — ficando informados que o senhor cartorário já lá havia ido tratar do assunto. E o Juiz, informando-os que, nessa altura, nada poderia decidir nem pronunciar-se sobre o *grand-motif* que os levava ali, aconselhou-os a levarem a questão para o Tribunal, onde tudo se resolveria.

De facto, tudo se resolveu, tudo se aclarou, — e pela cópia do acordão que temos na nossa frente, que

«...por estes fundamentos (cotas que, dizia o senhor cartorário, estavam em atraso) pelo mais que consta dos autos e tendo especialmente em vista o disposto nos artigos 14.º e 51.º dos Estatutos por que se rege a Associação de Socorros Mútuos Fúnebre para Ambos os Sexos da Afurada julgam procedente a reclamação, reconhecendo ao reclamante, Mateus Teixeira Cardoso, o direito de receber o subsídio de funera, por óbito do sócio Francisco Monteiro conforme as respectivas tabelas em vigor, à data do falecimento.

Registe-se e intime-se para ser cumprido no prazo de dez dias, a contar da intimação»

Nesta altura, soltou-se o grito de alarme entre todos os associados, que viam prejudicados, dia a dia, os seus direitos, come-

çando a manifestar-se um movimento de desgosto e protesto contra as acções do senhor cartorário, adentro da Associação.

Já que estamos com a mão na massa, como soi dizer-se, o senhor Silveira vai



Ouvindo o criado do Hotel Madrileno, q que serviu o jantar de "confraternização"

permitir-nos que lhe façamos um pergunta ligeira, talvez sem importância de maior: :

¿Com que fim, os sócios da Associação não possuem os estatutos da mesma, e salvo uma ou outra excepção?

## Somam-se as ilegalidades

Um numeroso grupo de associados vendo, então, que se tornava necessário discutir e apreciar a situação moral e material da Associação, resolveram reclamar do Presidente da Assembleia Geral a convocação duma assembleia geral extraordinária.

Deferido o pedido, ficaram os sócios convidados a reunir em 14 do mês anterior.

O que foi essa reunião, não o poderemos descrever, visto ter decorrido agitadíssima, apoiando todos os presentes o movimento de protesto contra a actual direcção que, numa nova assembleia era, definitivamente, destituída.

Receando o facto, imediatamente os senhores dirigentes solicitaram do Tribunal de Previdência Social uma sindicância aos seus actos, — negando, então, o privilégio de se organizar nova assembleia, alegando que estavam a ser sindicados.

## Onde aparece o sindicante e o senhor cartorário

Surgiu, nessa altura, para fazer a sindicância aos actos gravíssimos da direcção da colectividade, o sr. Albino Amadeu dos Santos Gomes, sub-inspector da Previdência Social, que, desde logo, pareceu iniciar os seus trabalhos.

Porém, sucedeu o inevitável. E, nós contamos...

Foi uma tarde. Desciamos, eu e o camarada Santos Pereira, a Avenida dos Aliados, em direcção à redacção do Reporter X, deparando-se-nos, em amena conversa no café Guarany, o sr. Santos Gomes e o cartorário Silveira.

Interessou-os, na presente altura, saber o que se desenrolava entre os dois, e seguimo-los, depois, até ao restaurante Madrileno, onde ambos foram jantar, amistosamente.

Daqui, criticamos o procedimento do sr. Santos Gomes, e compete-nos perguntar ao tribunal de Previdência Social se está plenamente convencido da capacidade com que os seus inspectores podem proceder às averiguações das irregularidades nos serviços das Associações, — se existe a maior cordialidade, entre sindicante e sindicados?

Cremos que é absurda a convivência entre ambos, já porque o sr. Santos Gomes, ia, no dia imediato ao do jantar no Madrileno, iniciar (?) os seus trabalhos de averiguação.

E, neste ponto recortamos uma notícia da correspondência da Maia, para o Comércio

do Pôrto de 24-6-938, que se quadricula, perfeitamente a este caso: «...Durante certo tempo, o sr. Santos Gomes não pôde trabalhar... A Associação (Fúnebre de Moreira da Maia) continua entregue aos homens sindicados, acusados de gravíssimas irregularidades... Não pode esta situação continuar. Daqui apelamos para o sr. Santos Gomes... etc..»

Vê-se, claramente, que o sr. Santos Gomes, sub-inspector da Previdência Social, esquece-se dos seus deveres, não calculando os enormes prejuízos que causa às Associações, com a demora que provoca consciente ou inconscientemente.

E, no Madrileno, conversando com o senhor cartorário sobre assuntos associativos, demonstrou a indiferença com que olhava a sindicância da Afurada.

Depois, — continuando —, conseguimos entrar em relações com os dois, resultando o camarada Santos Pereira entabolar conversa com o senhor Santos Gomes, — que fugia arditosamente ao assunto que pretendíamos saber, — emquanto que, por sua vez, o senhor cartorário se sentia indisposto com as perguntas que lhe disparávamos, consecutivamente.

Criada, para ambos, uma atmosfera de terror e receio, o senhor Santos Gomes, em dado momento, levantou-se para se retirar, amedrontado com a nossa insistência, — emquanto o cartorário liquidava a conta.

O senhor Santos Gomes, encarregado de proceder à sindicância, — tem-se esquivado, por todos os motivos de proceder às averiguações necessárias sobre as irregularidades cometidas, até hoje, pelos dirigentes da Associação da Afurada.

A situação dos sócios, ante tal procedimento, não pode permanecer como até hoje. As suas súplicas, aliás justíssimas, chegam até nós, obrigando-nos a chicotear a acção do sr. Santos Gomes.

Presentemente, reviravoltamos-nos para o tribunal de Previdência Social, — para que, aos inspectores que estão ao seu serviço, sejam dadas ordens severas e imediatas para desempenharem honestamente o papel que lhe confiam, dentro de toda a legalidade e justiça, que é ponderável em todo e qualquer caso, como o que apontamos.

RUY DE LUCENA

calçando  
O PORTUGUÊS  
NÃO HÁ MAIS SUOR NOS PÉS  
É TODO  
INTERIORMENTE  
VENTILADO E  
inventado  
por um português  
R. S. Catarina, 53 Porto  
PATENTE  
N.º 16.914

# O CRIME DA PÔÇA DAS FEITICEIRAS

Continuando com a autópsia da carta de alguém que não deseja que seja feita justiça. Cabe hoje a vez a uma  
 — carta vinda do teatro de operações —

## O QUE NÃO ERA CONTRA OS REUS, PUNHA-SE DE PARTE

**D**EVIA, como dissemos, terminar no nosso último número o plebiscito a que nos propuzemos em benefício da revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras». Por, esse motivo temos recebido muitas cartas onde nos pedem para continuarmos com ele por mais alguns números. Isso é-nos absolutamente impossível, em virtude de desejarmos fazer a entrega dos boletins, com as assinaturas, no mais breve prazo de tempo, a Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República. Contudo, para que se não diga que tendo concluído já o plebiscito iríamos prejudicar o fim para que ele foi destinado, resolvemos terminar só hoje com ele, concedendo, assim, mais um número, para aqueles que ainda, por qualquer circunstância, não assinaram os boletins, o possam fazer e para satisfação, em parte, dos pedidos que nos fizeram neste sentido.

Temos publicado algumas cartas das muitas que temos recebido e, continuando, coube hoje a vez a uma de Viseu, local onde se desenrolou o grande drama da «Pôça das Feiticeiras»:

Viseu, 1933.

Saudações.

*Acompanhamos com enternecimento a generosa campanha talvez inglória, em favor, dos dois desgraçados atirados sem piedade e sem os alvôres de uma mais clara Justiça, para o túmulo dos vivos. São duas vítimas da capacidade do ódio de que enferma a sociedade, esta sociedade corroida de defeitos e de imperfeições, mercê da eterna cegueira de destruir caracteres e inutilizar os válidos para os invalidar em proveito dos sedentos do bem alheio. Silvina e Claudino são dois inocentes e se uma Nova Justiça viesse em seu justo socorro, a sociedade teria, fatalmente, de curvar-se perante o monstruoso crime que praticou, condenando quem a Vida e à Liberdade têm direito, enquanto os autênticos e confessos réus, andam à solta, exactamente pela falta da Nova Justiça de que tão necessitados andam os povos. Pode este arranco d'alma ser levado à conta de sentimen-*

*talismo, mas não é assim, Silvina e Claudino, Sr. Redactor, estão cumprindo penas de culpas que absolutamente não têm. Tem-se apelado para o Poder do Estado por outros casos que, postos a suporação, são um pingo de água no Oceano da desventura dos dois formidáveis mártires do ódio e das artimanhas de visibilidade flagrante de um povo insuflado de rancôres possivelmente derivados do ódio construído nas paixões políticas. E aqui tem V., em duas mal alinhavadas linhas, o que resulta do desabafo de quem tanto sofre por ver sofrer o seu semelhante.*



Rectaguarda do Solar de S. Caitano, vendo-se o campanário, onde o sino tangia, anunciando as visitas

Com a minha mais alta consideração.

Emília Fernandes Teixeira

R. João Mendes, 16.

Muito bem, minha senhora. Vocelência prova que em Viseu, como se afirma, nem tóda a gente é contra os condenados e, para corroborar a afirmação que faz de que Claudino e espôsa estão inocentes, também temos em nosso poder algumas centenas de assinaturas de pessoas, também de Viseu, e da maior respeitabilidade. Temos a certeza, minha senhora, que o Excelentíssimo Presidente da República, a quem vão ser entregues muitos milhares de assinaturas, intercederá junto do Governo para que

a revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras» seja concedida para, assim, se dignificarem os Tribunais Portugueses. A Justiça, minha senhora, põe de parte os ódios e malquerenças. A Justiça vai fazer sã Justiça. Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República, ouvindo os clamores dos portugueses que pedem a revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras» não deixará de fazer com que a Nova Justiça a que Vocelência se refere, seja um facto, jámais que isso só poderá enaltecê-la, a sã, a boa, a infundível

Justiça

(continuação do número anterior)

Vamos continuar a autópsiar a carta do sr. Augusto de Sousa (?) que já se encontra cheia de miasmas:—«E a história do brinco?» Talvez que já fôsse desnecessário o falarmos mais acerca do brinco que o sr. Augusto (?) tem como mais uma prova insofismável contra os condenados, por a ele já a Beatriz Abrantes se ter referido nas suas declarações, aqui publicadas, mas havemos de provar que êsse caso do brinco, como tantos outros, depois de esmuçado, só serve para defender os condenados: No dia do funeral da vítima João Alves Trindade e, na ocasião em que estavam para retirar o feretro da capela, João Alves, de Ranhos, amigo que foi do falecido e em casa de quem foi encontrado um binóculo que a êste pertencia, apanhou do chão, que nas vésperas havia sido buscado e rebuscado, um brinco com brilhantes, pertença da D. Silvina. Ao levantá-lo diz para a assistência, mostrando-o: «aqui está a prova mais completa, mais insofismável, de que a Silvina é a assassina do pai. Perdeu êste brinco quando lutava com êle». Todos concordaram que, de facto, assim deveria ter sucedido e, muitos, rejubilaram de satisfação:—Estava, por aquê simples e inofensivo objecto, provado bem a evidência de que D. Silvina era a assassina

Conclue na página número 10

## NOS BASTIDORES DA

## OURIVESARIA ALIANÇA

Resposta ao "Comunicado" do sr. Celestino da Mota Mesquita,  
inserto na imprensa diária... a tanto por linha

O sucesso da reportagem do tenebroso *affaire* da Ourivesaria Aliança, se não constitue para os meus verdes anos desta árdua profissão de jornalista, o primeiro, legítimo e indiscutível triunfo, anima-me de uma fé escaldante que me deu ainda mais alento, para prosseguir nesta justa campanha que em boa hora encetei, pelos oprimidos, pelos que sendo vítimas de um capitalismo provocante, estiolam nas alforjas das oficinas, mourejando com revoltado sofrimento, o pão negro com que hão de dulcificar a vida, cheia de escolhos e espinhos.

A história, a triste novela do infeliz Amoêdo, não deve ser inédita e prouvera a Deus, não fôsse tão ásperamente real.

Em cada lar, é lógico crê-lo, tece-se uma meada de angústia, de dôr, de revolta, em que os polos estão ligados quer dum lado quer doutro, a um suave lenitivo que a ilusão de melhores dias, vai alimentando.

Isto são verdades duras, que o sr. Celestino Mesquita, certamente repudiará, esquecendo-se que tudo tem submetido às suas inconfessáveis conveniências, tudo tem amoldado ao seu torpe sibirismo.

Infamia!

\*

No sábado passado, nessas oficinas onde se manipula o ouro, que esalda as mãos dos que o manejam, o sr. Celestino Mesquita reuniu todo o pessoal, para fazer-lhe uma larga dissertação sobre a minha reportagem, — o pretexto — e a sua *complacência*, a sua *inequalável tolerância* para com os subordinados — os fins.

Pretendia o sr. Celestino, — intimidando-o com pirotécnicos elementos gravíssimos — levar o seu pessoal a assinar uma declaração, que seria publicada na imprensa diária, servindo de desmentido *formal* ao que disseram e vierem a dizer, os meus entrevistados!

Que estupidez! Nem ao menos viu o *valor* irrisório de tal desmentido, assinado por pessoas que estão sob o seu jugo, esmagadas pela dolorosa necessidade, de ganhar o pão de cada dia.

Desprestigiou-nos, procurou lançar-nos para uma esfera ainda mais baixa que a sua — im-



Um aspecto da Ourivesaria Aliança, cujas entradas começaremos a bistorizar no próximo número. No primeiro andar, estão instaladas as oficinas, antro terrível, pelo despotismo que aí impera

possível! — como se eles não conhecessem o *Reporter X*, duvidassem da honestidade, do *velho* paladino de todas as causas nobres.

Perdoar-lhe-ia, todavia, sr. Celestino, se tivesse recorrido única e simplesmente ao meu nome, ao nome do *nosso* jornal, para lançar a confusão no espírito dos seus assalariados — outro impossível! Porém, o que não posso perdoar-lhe, que me revolta, me enoja mesmo, é que o senhor recorresse à indelével recordação, que o inditoso Amoêdo deixou em todos os seus colegas de *martírio*, aviltando-o com as

suas afirmações menos verdadeiras. Isso é infame, sr. Celestino Mesquita! Isso não é procedimento dum homem de bem!

E é o senhor, o homem que assim procede (!) que depois aparece com grandes e confusos comunicados na imprensa, pondo em cheque a minha honestidade profissional!

E é o senhor autor dêsse arrazoado sem nexos, dêsse curioso *apêlo* à sua *consciência*, que pretende ridicularizar o *Reporter X*, chamando-lhe famoso...

Sim, sr. Celestino Mesquita, este semanário é *famoso*, mas por ter escalpelizado muito cérebro de abutre, ter arrastado para a luz onipotente da Verdade, muito infâmia que vegeta traiçoeiramente na treva, ou nos bastidores de uma aparente proibidade. Ter arrancado para a ribalta, muita cobardia e muito vício, emfim, desmascarado muita torpeza, que uma pseudo-tranquilidade fisionômica, mascara clinicamente.

E o senhor? Sim, porque o senhor também é *famoso*...

Oxalá, sr. Celestino da Mota Mesquita, que a *nossa* boa estrela me não abandone, possa percorrer até final, a *trajectória* delineada.

Então, sim. Ficaré o público sabendo, porque *todos nós* somos *famosos*.

\*

Leitor! Tenho que pedir-te perdão. Um todo nada enervado com esse comunicado que a imprensa diária inseriu, e em que o sr. Celestino da Mota Mesquita, pretende fazer a sua *defeza*, alonguei-me em demasia na minha resposta (?), impossibilitando-me, de prosseguir hoje, no relato do *affaire*-Aliança.

No próximo número prosseguirei, apreciando então, mais detalhadamente, esse *desafio*, de *consciência tranqüila*.

SANTOS PEREIRA

¿Burla ou quê? Dizer muito... e não dizer nada. Uma entrevista reveladora. 800 contos em bolandas.

# Braga... às Escâncaras

Como foi violado o segredo de uma mala. Um almoço de confraternização... e o mais que se verá

Há um certo número de *affaires* que, pela nebulosidade que os blinda se tornam tam enigmáticos, despertam de tal forma a nossa curiosidade, que não podemos resistir à tentação de holofotear-los, muito embora os raios luminosos incidentes, vão resvalar pela crosta, quebrar-se pelas arestas, do bloqueamento a que cautelosamente estão sujeitos. É que, desse esforço algo se aproveita, — pelo menos o saciamento da curiosidade — sobretudo quando um desses raios, infiltrando-se no âmago do assunto — muito embora irradiando uma luz bruxuleante, vem alimentar a esperança, de um dia poderemos encharcá-lo de claridade.

Essa expectativa norteia a nossa reportagem de hoje, *caso* originalíssimo e de extrema gravidade, não só porque briga com os direitos que a lei concede a todos os cidadãos que de ela se não afastam, mas, sobretudo, porque lesa o Estado, duma forma assás impudente.

## ¿Burla ou quê?

Subordinado a este título e tecendo-lhe ligeiros comentários, inseriu o *Repórter X* no seu n.º 126, uma participação feita pelo sr. João d'Oliveira Mendes, ao Delegado do Ministério Público de Guimarães.

Segundo se depreendia da participação, houvera por parte do sr. João Rodrigues Marques,

professor em S. Martinho de Sande, grande falta de honorabilidade numa partilha de bens, ou talvez mesmo, uma autêntica sonegação de herança.

Citando os valores que constituíam o casal, referia-se também o participante à existência de uma promissória com o n.º 31 417, e que devido a qualquer malabarismo do sr. João Rodrigues Marques, se havia eclipsado da sede do Banco do Minho, em Braga.

Prometemos, então, esclarecer o assunto tanto quanto possível e propunhamo-nos fazê-lo no número imediato, quando uma carta do sr. João d'Oliveira Mendes — e de que então transcrevemos alguns períodos — solicitava uma entrevista.

Não hesitamos em concedê-la, pois, era nossa convicção — e não erramos — de que ninguém melhor que o signatário da referida participação podia ilucidar-nos sobre a sua essência.

É essa entrevista, que sem dúvida ultrapassou toda a expectativa, no campo do sensacional, que hoje trazemos para as colunas do *X*, para que os nossos leitores possam apreciar, de quanto são capazes, a audácia e engenho, de certos indivíduos.

## A Entrevista

Modesto no trato, mas enérgico nas afirma-

ções que faz, o sr. Oliveira Mendes, entra sem uma hesitação no assunto, como pessoa que conhece bem as suas forças, os seus direitos, a razão que lhe assiste e de que não está disposto a prescindir, muito embora a luta se venha a tornar renhida.

Vasculhando e retirando dum maço vária papelada que vai amontoando sobre a nossa



A Avenida da República, uma das artérias mais centrais de Braga

lhe citarei, apresentei uma queixa na Administração do concelho de Guimarães, depois reforçada com pedido de investigação, em 16 de Fevereiro p. p.

— E que resultou daí? — inquirimos.

— Absolutamente nada, pois a-pesar-do meu pedido, essa investigação nunca chegou a ser feita. Foi isso e o que averigui por conta pró-



pria, que motivara a minha participação ao M. P., de quem aguardo ainda, uma decisão.

— Mas, o que averiguou o senhor, sobre a promissória?

— Apenas o que vou contar-lhe, — comenta o sr. Oliveira Mendes. E, continua:

— Meu tio, que por uma estranha coincidência tinha o nome igual ao que eu uso, faleceu em 26 de Fevereiro de 1928, tendo deixado alguns bens, entre os quais se encontrava essa promissória.

Ora bem. No decorrer das minhas investigações, como tive conhecimento da existência dessa importância, depositada muito antes do seu falecimento, no Banco do Minho, apressei-me em inquirir desta casa bancária, se ainda se encontrava ali ou o rumo que levava. Depois de mil dificuldades vencidas, soube por este *memorandum* — cuja autenticidade pode verificar — que o sr. João Rodrigues Marques fora levantar a importância, ou sejam 11.900\$00, assinando a rôgo do falecido, quando ele sabia ler e escrever. Fêz isto após cerca de onze dias de meu tio haver falecido e com o intuito de prejudicar os restantes herdeiros.

O nosso entrevistado, faz uma pausa e prossegue:

— Descoberto este caso de autêntica burla, e, em face da protecção que os prevaricadores usufruíam, lancei-me na investigação completa do roubo e foi então que coisas tremendas vim a descobrir.

— E essas coisas? — preguntamos, curiosos.

— Referem-se à herança de meu irmão, Torcato de Oliveira Mendes.

— Também houve *desvios*? — insistimos.

— Espere um momento...

Estabelece-se silêncio à nossa volta, apenas perturbado pelo folhear de papéis, que o nosso interlocutor vai consultando e dispondo por ordem. Por fim, acendendo um cigarro e recostando-se na cadeira, o sr. Oliveira Mendes sorri e diz-nos:

— Este, é um pouco mais à sensação. Folheia de novo, passa uma *vista de olhos* por alguns documentos e recomeça:

— Meu irmão Torcato, que faleceu em 29 de Março de 1927, vítima da tuberculose, regressou em Maio de 1925 a Portugal, após uma demorada permanência no Pará, onde conseguira uma fortuna de cerca de 800 contos, representados por promissórias, papéis ao portador, libras ouro, diversas joias e etc.

No dia do seu falecimento, grande parte destes valores, que se encontravam dentro duma mala com fechadura de segredo, desapareceram... misteriosamente.

— Desapareceram!?

— É verdade. A mesma

Antónia de Oliveira Mendes, seu primo José Ribeiro de Castro e genro Abílio da Silva Oliveira, escamotearam da

mala esses valores, depois de a terem arrombado, coadjuvados por meu tio João de Oliveira Mendes.

— Então, seu tio!...

— Sim senhor, meu tio também ajudou. Está a compreender o *fio da meada*, não? — E, em face do nosso sinal afirmativo, prossegue: Pois sonegaram esses bens não só aos parentes, como também ao Estado. As promissórias, porém, como estavam passadas pelo Banco do Minho e Nacional Ultramarino, a favor do falecido e num total de 406 contos, foram ao notário Felgueiras, das Taipas, e averbaram-nas à mãe Antónia Rosa de Oliveira Mendes, tendo sido *duas*, na importância de 109 contos, recebidas por Aurora de Oliveira Mendes. Estas pertenciam ao Banco do Minho. As outras, foram levantadas na data do seu vencimento, respectivamente, 180 contos em 5 de Maio, 30 em 11 de Novembro, 21 em 15 de Dezembro do mesmo ano de 1927, e 80 em Janeiro de 1928, recusando-se os Bancos a fornecer mais elementos, declarando que só o farão às autoridades competentes.

— E já informou as autoridades do que se passa?

— Já, sim senhor; porém, o primeiro resul-

(CONTINUA NA PÁGINA 10)



O nosso redactor Santos Pereira, ouvindo o Sr. João de Oliveira Mendes

ZONA DE JOGO E  
TURISMO

# CASINO DE ESPINHO

ABRIU COM NOVA GERÊNCIA

FUNCIONANDO TODOS OS DIAS, DAS 15 HORAS A'S 4 DA MADRUGADA

Serviço especial de auto-carros entre  
o Porto e ESPINHO

## Braga... às Escâncaras

(CONCLUSÃO)

tado foi nulo. Veremos se agora serei mais feliz, contando como conto com a boa vontade de várias entidades, que começam a interessar-se. V. não calcula as infâmias que se têm praticado, à sombra de tudo isto, que acabo de narrar-lhe. O sr. João Rodrigues Marques, um dos principais organizadores desta tratantada, casou com minha irmã Aurora, tendo antes sido dotada com 78 contos, além dos bens que lhe doaram, e 150 contos que lhe deram em dinheiro. Este consórcio, foi uma *habilidade* do Padre António, de Sande, que, como é natural, deve ter sido *generosamente* recompensado.

Isto consta da escritura ante-nupcial, feita num notário de Braga pelo seu ajudante, tendo sido preciso antes da sua confecção, um lauto almoço no Hotel Aliança.

Minha mãe, assinou então tudo que eles quiseram, a-pesar-do seu estado anormal, o que não admira, se atendermos que tem oitenta e tantos anos de idade.

E, como V. vê, um *affaire* um tanto *à sensation*, que as autoridades vão procurar esmiuçar. O que lastimo, é não me deixarem aproximar sequer de minha mãe, objecto que os *tratantes* manejam segundo as suas conveniências, para lhe sugarem a fortuna que possui ainda.

Enervado pela exposição que acabara de fazer-nos e revelando um pouco de cansaço, o nosso entrevistado conclui:

— Há um ponto também, que gostaria de ver esclarecido. Como esse meu cunhado João Rodrigues Marques, conseguiu levantar do Banco do Minho, dias antes de ele fechar, 400 contos que ali se encontravam e eram pertença de minha irmã Aurora, muito embora hoje circulem em vários empréstimos, no nome desse cavalheiro.

Estava terminada a entrevista, que como, o leitor verificou, não deixa de ter o seu quê de sensacional.

Oxalá as autoridades levem a bom termo o esclarecimento deste gravíssimo *caso*, que nós prometemos seguir atentamente, informando os nossos leitores do que surgir e não deve ser tão pouco, *infelizmente*.

S. P.

## André Rodrigues Bulhosa

Inesperadamente, faleceu na sua casa, à rua das Fontainhas, este nosso amigo e presado sógro do sr. Custódio Gomes, nosso consócio.

Dotado dos melhores sentimentos, André Rodrigues Bulhosa era estimado entre a pléiade de amigos que o rodeava, contando a mais sincera camaradagem dos que o admiravam dentro do Crédit Franco Português, onde foi empregado, 30 anos.

O seu funeral foi mais uma prova de estima dos seus amigos e admiradores, que viam nele uma alma generosa e boa.

À Família enlutada e em especial ao sr. Custódio Gomes, apresenta a Redacção do *Reporter X* as mais sentidas condolências.

## O crime da Póça das Feiticeiras

(CONCLUSÃO)

de seu pai! Estava perdida. Ninguém a livrava de ir água fora e de ficar sem os bens do seu progenitor. Malditos bens!... O brinco foi entregue ao comissário, da polícia. D. Silvina foi ouvida a este respeito e, ao vê-lo, diz: «O meu brinco, o brinco que eu perdi há quatro meses!» Nada de subterfúgios, lhe dizem; a resposta, a saída, não pegava, havia-o perdido, sim, quando em luta com o pai. Prove, prove o que afirma. D. Silvina respondeu que podia provar a sua afirmativa por quanto, seu marido, na devida altura, avisara os ourives daquela falta e, até, o *pendentif* estava ainda na ourivesaria do sr. Alberto Bastos, à rua Direita. Dali foram ter com Claudino. ¿Haveria contradições?

— A expectativa era grande... ¿Claudino ter-se-ia combinado com a esposa após o crime e depois de ela ter dado por falta do brinco? — Claudino respondeu tal qual D. Silvina. Contou mesmo as *démarches* que teve com o ourives sr. Alberto Bastos para a feitoria de um novo brinco. — O preço exagerado em virtude do valor das pedras e a dificuldade em obter umas exactamente iguais; a resolução que tomou em tornar do brinco que não foi perdido um *pendentif*; enfim, que ele, para tal fim ainda se encontrava naquela ourivesaria. As respostas acertavam com aquelas que foram dadas pela esposa. Chamado o sr. Alberto Bento, confirmou em absoluto aquelas declarações e entregando até o brinco que tinha em seu poder. Foi, por peritos, feito exame ao brinco achado, que declararam não ter o mesmo a mais leve parcela de areia ou pó que demonstrasse que ele tivesse estado às intempéris, devendo, por isso, o mesmo brinco, ter estado a bom recato!... Mais uma prova que foi pela água abaixo; mais uma ilusão que se desfêz como uma bola de sabão. As investigações acêra do brinco, ficaram na polícia, não acompanhando o processo principal. ¿Porquê? — Porque não provoca nada contra Claudino e sua esposa!!!

Quere dizer que só aquilo que, aparentemente, podia culpar aqueles desgraçados, é que seguiu para o Tribunal! Se naquela altura se não partisse dos criminosos para o crime ver-se-ia que alguém tinha interesse em que, pelo menos, D. Silvina fôsse a assassina de seu pai. Não se tentou saber como o brinco foi parar às mãos do Alves de Ranhados, pois que ele foi perdido ou roubado quatro meses antes, e há muito deveria estar a bom recato pois, segundo os peritos, não lhe foi encontrada a mais leve parcela de pó. Não se importou saber das razões que levaram o Alves de Ranhados a apresentar o brinco na ocasião do funeral para, assim, comprometer D. Silvina. ¿É isto razoável? — ¿É isto justo? — ¿É isto humano? — Não

## História de um caso triste

(CONCLUSÃO)

valendo-se de expediente para poder viver, desacreditado, sem as carícias amimosas da mulher, meses seguidos sem ver a filha, desprovido de salutareos conselhos e do convívio franco que estimula — a vida tornou-se-lhe noite tenebrosa onde os fogos — fátuos da esperança não punham a mais ténue luminescência. Era um rapaz de qualidades. A sua única falta consistiu na impossibilidade de evitar a quebra do seu negócio. Aquêles que o deveriam assistir encorajando-o pundonorosamente, viraram-lhe costas como poltrões. Desacreditaram-no com propósitos inconfessáveis. Perderam-no. São, perante a consciência, responsáveis de um grande crime.

E a mulher?... E a filha?...

Estão aí mais duas vítimas da ganância interesseira e do personalismo invejoso de quem, em nome da vacuidade de certos preconceitos, lhes arrancou o espôso e o pai. É insanável o mal que se lhes fêz. É triste, infinitamente triste o viver dessa criança, doze anos reflectidos, lindos olhos de veludo e cristal muito cheios de luz — luz tamisada pelo véu roxo da saúde. Começa a compreender o que se passa em volta. E, embora não possa avaliar claramente qual seja a repercussão no seu futuro do vendaval destruidor que lhe arrebatou o pai, desconsentando um lar feliz, diz, às vezes, aos que a rodeiam:

— O papá está assim porque não tem tido quem o ampare. Ah! quando eu fôr grande... quando eu mandar!...

Quando for grande! Quando mandar! O tempo vai dobando e ninguém sabe, afinal, quaes as voltas que dará o fio, nessa meada sem fim...

Se a criança de poucos meses cai, não pode erguer-se por si própria e é necessário que alguém corra a levantá-la. Acontece o mesmo com o homem ao dar os primeiros trambolhões da vida. Se os parentes e amigos fogem; se, em vez de o auxiliarem como é de seu dever, ainda por cima o sobrecarregam com o pesado fardo do descrédito, lançando-lhe na alma o desespero — esse terrível conselheiro — de maravilha poderá recobrar o primitivo alento para realizar obra útil. A família, com imprevidente cegueira terá perdido um dos seus esteios — e a sociedade terá feito mais um pária.

Alberto Lima

sr. Augusto (?) e o senhor mesmo deve concordar que houve o propósito firme de, por toda a forma, desejarem a condenação de Claudino e D. Silvina.

No próximo número continuaremos com a sua carta.

CÉSAR PULIMO

## Vive-se em cavernas

# No século XX!

**Sepultura de vidas — Como se educam e se alimentam moral e fisicamente muitas criancinhas — Efeitos da guerra — Migalhas de vida e pedaços da morte**

**P**OBRES daqueles que vivem sem sonhos; sem um reflexo que lhe ilumine a estrada que hão-de seguir na vida.

Pobres daqueles, que, como nós, não sabem ou não podem embriagar-se com fumaças de ópio, que os arraste ao sepulcro, bemdizendo a vida, porque vivem em eterna ansia com a dor, que através dos séculos há-de permanentemente garrotar-lhe o pescoço.

\* \*

Na estrada marginal do rio Douro, entre as praias do Esteiro de Campanhã e Régo Lameiro, existe num terreno pertencente à União Eléctrica Portuguesa, um buraco, aberto num muro de suporte que confronta com o rio.

Há anos, quasi diariamente passamos nessa margem e temos notado que dessa cova, se tira uma mulher de aspecto miserável coberta de andrajos, — que são toda a indumentária que possui e nos deixa a impressão dum cadáver articulado — acompanhada de uma criancinha de quatro ou cinco anos raquíticos e tuberculizados. Olhamos a perfuração feita na parede, — que mais parecia a lendária boca do inferno — dois ou três metros quadrados que servem de habitação a uma família; um casal e uma filha do mesmo. A essa pobre gente, serve o buraco de cosinha, — tendo como fogão duas pedras — e quarto de dormir com folhagem por leito dispensando lençóis e cobertores, objectos cuja utilidade quasi desconhecem. Além do mobiliário exposto, os restantes adornos são as privações e a miséria latente, que tão cruelmente se exhibe a nossos olhos. Do interior da caverna, saía uma fumaçada sufocante que nos impedia a aproximação, além dum cheiro nauseante

produzido pela palha podre, que lhes serve de leito.

— Como se chama? — inquirimos.

— Luzia Lopes.

— É casada?

— Sou.

— O seu marido?

— O meu homem é doente. Foi para a guerra e por lá andou longos meses, até que regressou... mas, em que estado! Foram aqueles malditos gases! Era um homem são como o senhor; mas agora, tanto está bom, como dum momento para o outro é atacado por uma loucura violenta, rasgando-se todo e agredindo-nos, se não nos puzermos em segurança. Depois passa-lhe, e é um homem pacífico, quasi normal, que não se «mete» com ninguém.

— O ministério da guerra concede-lhe alguma pensão de sangue?

— Não senhor. Já muita gente me tem perguntado isso, afirmando-me que a ela temos direito; mas, até hoje ainda não recebemos um tostão.

Não temos quem se interesse por nós; ninguém nos conhece.

— Como podem dormir neste buraco, aqui junto do rio, muito especialmente com o frio de inverno e sem agasalhos?

— Como calha meu senhor! Deitam-nos em cima dessa palha que o senhor vê e como não temos roupas



A «caverna» do Esteiro e os seus habitantes

para a cama, nem para o corpo, além destes farrapos que trazemos, deitamo-nos vestidos, todos três juntos e assim temos passado a vida, de verão menos mal, mas de inverno a água que escorre da terra, cai em cima de nós e assim ficamos encharcados até aos ossos, dias e noites, porque não temos roupas para substituir a molhada.

E, depois, a rematar:

É por isso que a minha filha é assim doentinha.

\* \*

Abandonamos aquêle lugar infecto, onde impera a miséria com todos os seus labores, sacrificios e abnegações.

Eis com duas palavras, a história duma família lançada para esta vida de mentira, e que há longos anos vive à margem da sociedade, e ignorada de aquêles que passam indiferentes a dor da humanidade.

Toda a gente se recorda ainda da campanha levantada pela Imprensa Portuense a propósito das cavernas do Monte Pedral, onde vivia aquêle infeliz tuberculoso, com o resto da família.

Pois esta cena de miséria que descrevemos e que pode verificar-se junto do Esteiro de Campanhã, é o mesmo senão ainda mais arripiante quadro que os jornais então apresentaram, mas, sem platonismos românticos. É uma tela de dor vista por uns olhos habituados a presenciar a beleza e a mentira da vida e arrancada pela minha sensibilidade irreverente.

A. de V.

## Gama

R. do Amparo, 51 — LISBOA

LOTARIAS

Atende prontamente todos os pedidos da Província, Ilhas e Africa, desde que sejam acompanhados da sua importância em notas, cheques, vales, selos, prémios ou quaisquer valores de fácil cobrança.

No ângulo norte-ocidental da África, há um território separado da península Ibérica pelo Estreito de Gibraltar e limitado ao norte pelo Mar Mediterrâneo, e pelo Oceano Atlântico ao Oeste. Os povoadores desse território dão-lhe o nome de «Mogreb-el-Áksa» — Extremo-Oriente — e nós, os europeus, designámo-lo pelo nome de Marrocos.

O litoral marroquino tem uns 1.800 quilômetros; dos quais, 400 correspondem ao setentrional, banhados pelo Mediterrâneo e, cerca de 300, ao ocidental que o Atlântico bordeja.

A costa setentrional que se estende desde a desembocadura do rio «Axerúd», limite ocidental da Argélia, até ao cabo Espartel, na união do Estreito com o Atlântico, é quasi na sua totalidade da zona espanhola do norte marroquino; só a parte do litoral compreendida entre o «Axerúd» e o «Mulúya» pertence à zona marroquina assinada à influência francesa.

Uma parte do litoral do Oeste, está também incluída na zona espanhola de protectorado.

A costa, em geral, escarpada e abrupta, está formada por enormes penedos rochosos, que em muito poucos lugares se abrem

# Em terras marroquinas

## A estranha quão misteriosa aventura de três legionários do Terço Estrangeiro de Espanha

para oferecer, um troço de praia, o terreno baixo, que faça aquêle litoral acessível desde o mar.

Aumenta a dificuldade e o perigo a grande quantidade de escólios, que as espumas e batidas águas do mar cobrem.

Por sua vez o terreno, quasi esteril, à semelhança da costa, é geralmente montanhoso e abrupto e, em muitos sítios, abundam grandes precipícios e insondáveis abismos.

Foi naquêl território que imperou a anarquia e a guerra; durante sete longos anos aquela terra, de encanto e mistério,

Uma russa (?) espiã ao serviço de Abd-el-Krim. As tribus de «Tuarégg» sublevadas em massa atacam o sector de Uazan. A ameaça sobre Tazza-Fez e o desfôrço francês. De R'gaia a Tanger, passando pela «Kábila» de Andjera.

foi regada com milhares de litros de sangue humano.

Depois de milhares de vidas ceifadas, de tanto sangue derramado e de desperdiçado ouro aos montões, a Espanha, gloriosa de antanho, exausta, ainda abandonara aos rebeldes mouros, toda a zona ocidental do protectorado — uns 600 k. — ordenara à sua Legião Estrangeira que protegesse essa retirada e recolhesse as forças do sector, para retirá-las sobre Tetuan; travando os legionários inúmeros combates, sobretudo quando abandonaram ao inimigo as importantes posições de «Uad-Lau», — rio Lau — «Cobba-de-Árssa» — aparecimento misterioso — «Loma Roja» — monte sangrento — e «Xáuen» — santa — a cidade santa dos mouros, nos quais o heróico Terço Estrangeiro com um efectivo de 1.429 homens — Orden de la fuersas de Marrúecos de 13 de Noviembre de 1924 — sofreu 674 baixas; isto é, mais de metade do seu efectivo, sem que, em nenhum momento a moral das tropas padecesse o mínimo na sua táctica eficaz — e numa apatia incompreensível, limitava-se a consolidar as suas posições, permanecendo na defensiva.

A Legião Estrangeira chegara a «Tetauen» — Tetuan — a cidade misteriosa, a «bella huri», onde abundam grandes e riquíssimos palácios com jardins floridos e fontes de água pura, cristalina; mesquitas de altas cúpulas e preciosos minaretes, brilhantes sob a acção da luz solar, donde os santos muçulmanos incitam os fieis à oração; bairros mouriscos, típicos pelas suas ruélas estreitas, mal empedradas pelas suas encruzilhadas aonde o forasteiro, desprecauido e inexperiente, é assassinado e roubado; mulheres «mignones» dum porte gentil e elegante, que envergam túnicas compridas, alvas como a neve, que

as cobrem inteiramente; o rosto vendado, somente deixando admirar dois olhos lindos, atraentes e duma meiguice doce e cativante que, a nós, nos fazia recordar o olhar suave da virgem de Murillo, — e ali descansara 17 dias das fadigas sangrentas da guerra, a que fora duramente submetida na retirada da zona ocidental.

Tinham decorrido quatro dias e, nós os legionários, continuavamos gozando dos prazeres da cidade encantadora — aliás num bem merecido repouso; — transitando por toda a parte, permanecendo nos «cabarets» aonde a vida decorre sem validade para ninguém, ou penetrando occultamente, de cumplicidade, nos harens que enxameiam a «dona dos rostos vendados».

Eram 2 horas. A cidade, banhada pelo intenso sol azul-prateado, que é a lua cheia, repousava tranqüilamente confiada na sua poderosa sentinela vigilante — a posição de «Gorgues».

Depois duma noite de orgia — compensação de sacrifícios na guerra — nós, — o autor desta *verídica* reportagem, o duque de Fiúme que, mais tarde, foi assassinado em «Alhucemas» e Karl Cristhianseh, três anos depois, morto heróicamente no assalto ao «aduar» de «Taguesút» — frenteira do protectorado — seguimos para o nosso acampamento, situado, então, na margem esquerda do rio Martin, próximo da estação do caminho de ferro.

Havíamos transposto a porta de Ceuta quando, súbitamente, fomos abordados por uma mulher que à primeira vista nos pareceu ser hebreia. Mas não. Era uma

daquelas desgraçadas que tantas vezes tínhamos visto pulular pelos acampamentos. Cortezás miserandas, amantes duma noite, de homens de tódas as raças, sem outra vontade do que cair de costas sobre o solo à sombra duma palmeira, ou sob a claridade das estrélas; infelizes prostitutas sumidas no embrutecimento; escravas mouros foragidas buscando a liberdade na embriaguês e na degradação; mulheres que representavam o amor para os homens da guerra. Pobres bestas humanas, extenuadas desde a mocidade, ainda impúberes, pelas excessivas carícias e destinadas na velhice a morrerem lentamente à fome e ao frio.

Olhámos para aquela mulher ainda jovem e reconhecíamos nela alguns restos de beleza; magra, de olhos negros e grandes, a bôca pequena e atraente, aonde se notava a falta dalguns dentes. Vinha envolta numa alta «chilaba» suja e esfiampada, que devia ter sido dum caro tecido; os pés descalços e a emmaranhada cabeleira, untada com azeite, caída sobre os ombros.

— Que queres de nós?

Perguntamos-lhe bondosamente.

A nossa voz suave, pareceu calar no animo da pobre hetaira. Era uma criatura habituada a ser maltratada; para ela o homem representava o empurrão brutal, o prazer manifestado com mordeduras; e, ante a nossa bondade, mostrou-se surpresa e receosa como se adivinhasse um perigo.

— Não teem dinheiro? disse ela humildemente, depois de longo silêncio. Não me importo, aqui me teem. Gosto de vós, sou vossa escrava: entre tóda essa gente só vos quero a vocês.

E inclinava-se para Karl, acariciando-lhe os cabelos com as duras mãos, ao passo que eu e Pedro a examinávamos com compaixão ao ver-lhe o peito deprimido, o seio caído em que dir-se-ia haverem impresso o estigma da sua passagem inumeráveis seres...

Continuávamos silenciosos e perante a

nossa mudez ela, interrogou-nos novamente: Não me quereis, porquê? Fazeis mal, porque poderia ser-vos útil! Sei uma coisa que vos interessa, mas só vo-la digo em troca da vossa amizade. Poderia exigir-vos dinheiro, mas... bem vedes, quero apenas ser grata convôscos, que pareceis bons, que me acolhesteis carinhosamente. Uma viva curiosidade começou a afrair-nos para aquela jovem mulher, de quem desejaríamos conhecer o famoso segrêdo, «que nos interessava a nós, legionários». E, com brandura, meigamente, começamos a inter-



Os pés descalços e a emmaranhada cabeleira, untada com azeite, caída sobre os ombros...

rogá-la: Temos imensa pena de ti, e podes confiar em nós, inteiramente. Dize-nos pois, que segrêdo é esse que deve interessar-nos. Vem vê que já somos teus amigos.

E, pouco a pouco, a pobre mulher disse-nos:

Arrisco a cabeça, mas não tenho nenhum apreço à vida. Vou contar-vos tudo.

E começou assim: Não é verdade que a legião, há já bastante tempo, vem extranhando a atitude de Abd-el-Krim?

E perante o nosso assentimento: Misteriosamente, *ele* conhece todos os vossos planos de ataque. E porquê? Ela mesma continuou, depois duma pequena pausa:

— Porque tem uma informadora secreta que vê tudo, que lhe fornece tódas as notícias exactas sobre as futuras operações!

E perante o nosso assombro: — Sim, a russa vive em Ceuta; é muito poderosa. Tem homens prontos a defendê-la, a dar-lhe a vida a trôco dum simples olhar.

(continua)

A. R.

## Exposição de Arte

INAUGURA-SE, brevemente, num dos mais elegantes salões de exposição da nossa cidade, uma artística e valiosa colecção de trabalhos do nosso colaborador artístico Manuel Guimarães, con-

tar dum esforço do qual aguardam um êxito merecido, como, também, por ser uma notável exposição de Arte.

Organizada a capricho, a exposição abre, como dissemos, brevemente, espe-



ALCEU

M. GUIMARÃES

RUY LEAL

juntamente com o distinto escultor Rui Leal e o caricaturista Alceu.

Os trabalhos destes três nossos amigos, três *novos* a quem está vaticinado um honroso e brilhante futuro, merecem ser admirados não só, por se tra-

rando que estes nossos amigos, a quem apresentamos os mais sinceros cumprimentos, vejam coroados de êxito o esforço que vão dispendir com esta tão louvável iniciativa.

## O Crime da Pôça das Feiticeiras (PLEBISCITO)

# Relação daqueles, que desejam justiça

Rosa Amélia Lope, professora aposentada; Maria da Piedade Vieira Braga e Maria Amélia Magalhães, domésticas; Rosa Moreira de Mesquita, modista; Maria da Conceição Sousa, professora; Tereza de Jesus Ferreira, prof. aposentada; Albino de Oliveira Capela, proprietário; José Donas, comerciante; César de Sousa, emp. comercial; Ema Marta Neves de Carvalho, professora oficial; Narciso Dias de Carvalho, emp. C. ferro; Vitor Dias de Carvalho, emp. escritório; Maria Matos, doméstica; Armando Neves Alves de Matos, emp. escritório; Manuel Luis Vaz Júnior, jornalista; Luis de Sousa Santos, cineasta; José Monteiro da Cruz, enfermeiro; António E. S. Prado, emp. comercial; José A. Prado, emp. comercial; Alzira Mesquita Pereira, doméstica; Ilda Prado, doméstica; Aurelia Prado, doméstica; Virgílio Rodrigues; Maximiano José Ferreira; Laurentino Rodrigues, carpinteiro; Franklin Rodrigues, carpinteiro; Mario Moreira da Costa, emp. comercial; José Augusto dos Santos, carpinteiro; José Augusto Sobral, funileiro; Celestino Ferreira Silva Junior, serralheiro; António Parada, funileiro; João Batista Morais, funileiro; António Rodrigues da Costa, industrial; Laura Vieira Bessa Rodrigues Costa, doméstica; Haydée Vieira Bessa, doméstica; Ana Rosa da Silva Vieira, doméstica; Joaquina Vieira Bessa, doméstica; Arminda C. da Costa Reis, doméstica; António Neves Junior, caldeireiro; Eduardo Pais Brazão, emp. público; Joaquim M. Azevedo; Domingos Braga, emp. comercial; Cristiano Biltão de Sousa, piloto; José da Silva Quadros, estuador; Carlos Sereno Ferreira, electricista; Bernardino Marques da Encarnação, barbeiro; Inácio Marques (Sobrinho), chauffeur; António Herlando Gonçalves, comercial; Ruy Almeida Baltar, operário; Alfredo Rodrigues Paços, electricista; Henrique Nunes Cambeira, fundidor; Rodrigo Costa, barbeiro; António Ferreira dos Santos, emp. comercial; Serafim Bento, chauffeur; Maria Conceição, doméstica; Joaquim Ferreira dos Santos, fundidor, Maria Rodrigues Ferreira, doméstica; Ernesto Ferreira dos Santos, trabalhador; Herculano Santos, serralheiro; Manuel Ferreira Mota, forneiro; João Andrade, emp. comercial; José Emilio Mesquita, empreg. comercial; Felisberto Rodrigues, emp. comercial; Artur Pacheco, emp. comercial; António Salvador Ferrão, estudante; António Maria Guerra Júnior, estudante; Manuel Fernando F. Tomé, electricista; Fernanda Quelhas, modista; Joaquim dos Santos Quelhas, ser. mecânico; José dos Santos Quelhas, mestre de obras; José Ferreira Tomé, emp. comercial; Serafim S. Guimarães, emp. comercial; Caetano Martins, chauteur; Maria Sobral Tomé, doméstica; Manuel Francisco da Rocha, marceneiro; Fernando Monteiro dos Santos, pedreiro; Augusto Ferreira Tomé, cortador de c. verdes; Albertina Sobral Tomé, costureira; António da Silva Carrejoia, pintor; Manuel Carlos Bento Veiga, ourives; Joaquim José Martins, tecelão; Manuel José Carneiro de Azevedo, tecelão; Luiz Augusto da Silva, torneiro; Davide Gomes Lopes da Silva, emp. comercial; Custódio Pinto Ribeiro, cortador; Maril Luiza, costureira; Silvestre José Esteves, picheleiro; Delfim Ribeiro funileiro; Manuel Ferreira, pecheleiro; Abílio Pinto Negrão, emp. comercial; Ana Rosa Diniz, fiandeira; Maria Alzira Diniz, fiandeira; Rita Pereira Jesus, fiandeira; Tereza de Jesus Perei-

ra, fiandeira; Emilia Tujal, fiandeira; Joaquina Custibela, fiandeira; Rosa Maria Leites, fiandeira; Rosa da Silva Paiva, fiandeira; Maria Almeida, fiandeira; Ana Rosa dos Santos, fiandeira; Deminda Rosas Nunes, fiandeira; Manuel Moreira, pintor; Joaquim da Silva Passos, pintor; Martinho Soares, pintor; Anibal Rocha, pintor; Luiz de Sousa, pintor; Monuel Monteiro, pintor; Jaime Pinto Marta, pintor; Fortunato Sampaio, pintor; António da Silva, pintor; Abílio de Andrade, pintor; Manuel da Cunha, pintor; Florinda Rosa Leite, doméstica; Ambrisa Fernandes, modista; José Fernandes, carpinteiro; Alberto Inacio, barbeiro; Antonio Manuel Fernandes, desenhador; Dorinda Marques Seabra, bordadeira; Maria Emilia Fernandes, doméstica; Manuel Bento, emp. comercial; Ana Ferreira da Silva, doméstica; Alexandrino da Costa, emp. comercial; Francisco Carneiro, comercial; Aluao Augusto Pereira, emp. comercial; Adelaide Rosa Pereira, doméstica; Margarida Rosa, doméstica; Edmundo A. Pereira, estudante; Claudino de Oliveira, emp. rural; Tereza Rezende de Oliveira, doméstico; Carlos Moreira Salvador, torneiro; Joana Rosa Joaquina, doméstica; Francisco Lopes, trolha; Adeline Lopes, pedreiro; Manuel Pinto da Costa, piloto; Delfina Ferreira dos Santos, doméstica; Campio Ferreira, mecanico; Maria Elena Ferreira da Costa, costureira; Maria Adelaide Ferreira da Costa, costureira; Maria Eduarda Ferreira da Costa, costureira; Virginia Ferreira da Costa, estudante; José Joaquim da Costa Araújo, comerciante; Rosa Júlia Magalhães, doméstica; Maria José Rodrigo Araújo, doméstica; Virginia R. da Silva, doméstica; António dos Santos Diniz, comerciante; Maria da Glória Santos, doméstica; Emiliano Espain Neves, comerciante; Domingos Vieira Mendes, trabalhador; Rosa Augusta, doméstica; Lucinda da Conceição, doméstica; Manuel Arriaga P. Peixoto, gráfico; Alice da Silva Pinheiro, costureira; Júlia Felismina Matiar Correia, costur.; Joaquim Correia da Silva Júnior, chauffeur; Maria Teixeira Alves, costureira; Maria José Lobão, costureira; Florinda de Jesus Lobão, costureira; Joaquim Lobão, estivador; Maria Ribeiro da Silva, doméstica; Albertina de Jesus, doméstica; João Maria da Silva, fogueiro; António Ribeiro dos Santos, barbeiro; Mário Pinto Salvaterra, gráfico; António Araújo, industrial; José Cândido, serralheiro; João da Conceição, emp. comercial; Vitor Hugo de Magalhães, emp. escritório; Alvaro Fernandes Duarte, emp. comer.; Emilia da Encarnação Soares, doméstica; Irene Graciosa Soares Malhou, doméstica; Estefânia da Conceição Magalhães, doméstica; Mário Vieira, emp. comer.; João Arnaldo Mondriel da Conceição, emp. comer.; Carmo Mondriel, costureira; Cidália de Magalhães Tiago, doméstica; Janeiro Baptista da Silva Terra, industrial; António Júlio da Silva Terra, industrial; Manuel Alves, negociante; José Soarel Pinto de Carvalho, proprietário; António Gomes, industrial; Maria Ferreira da Silva, doméstica; Maria Vaz da Rosa, padeira; Dorinda Gomes, escolar; Angelina Gomes, padeira; Joaquim Pereira Abeleira, ferro-viário; Rosa Soares Ferreira, doméstica; Mário Soares Ferreira, escolar; Emilia Dias da Silva, escolar; Maria da Silva, negociante; Ana da Silva, negociante; Raul Monteiro, escriturário; Viriato da Graça Trindade, escrit.; Pedro Raimundo Bernardes, escrit.;

Duarte João Gravato, escrit.; Joaquim N. Rocha, guarda-cívico; João Simões Teles, escriturário; Angelo Gomes Ferreira, serralheiro; Sérgio António Martins Cerqueira, escriturário; José Ferreira Pimentel, escrit.; Luciano Dias Pereira da Silva, escrevente; Manuel Mendes da Silva, João dos Santos, Teodoro Duarte e Silva, José de Sousa, António Magalhães Couto, Carlos Pinto da Silva, ferro-viários; Ester dos Anjos; Agostinho Belisário Pereira da Silva, ferro-viário; Emilia Augusta Ferreira Agostinho Silva, doméstica; Emilia Ferreira de Castro, estudante; Domingos Ferreira da Silva, metalúrgico; Agostinho Ferreira da Silva, ferro-viário; Alberto Ferreira da Silva, ferro-viário; Adeline Ferreira da Silva, barbeiro; Maria Rosa Correia Duarte, doméstica; Quintino Augusto dos Prazeres Seixas, ourives; António Joaquim de Moraes, ourives; Francisco C. Duarte, comerciante; Maria Rosa de Novais, ourives; António Ernesto da Silva, ourives; Euzébio Neves Belchior, chauffeur; José António Dias, emp. comer.; Vicente Nunes Gomes, médico-veterinário; Dionizio Pereira, emp. comercial; Anibal de Sousa, chauffeur; Santos Ferreira, emp. comercial; Manuel de Campos, emp. comercial; Rodrigo de Azevedo, industrial, Horácio Latourrett, carrejão; Agostinho Moreira Marques, carrejão; António Laurindo Romariz, pintor; José Laurindo Romariz, moleiro; Joaquim Gomes Leite, emp. comercial; António Pereira da Cruz, carroceiro; António Lopes, barbeiro; Armando de Castro Fernandes, barbeiro; Alvaro Ferreira Pinto, emp. comercial; Manuel Rodrigues de Sousa, carrejão; Fernando Durão Oliveira, ferro-viário; Amílcar Vivo Coelho, emp. de escritório; Francisco de Oliveira, ferro-viário; António Cipriano Mendes, ferro-viário; José António de Figueiredo, ferro-viário; Ernesto Marques, emp. com.; Alberto Henriques Loureiro, ajud. de chauffeur; Joaquim Dias Lourenço, emp. comercial; Guilherme Antunes, comerciante; Manuel Antunes Fortes, emp. comercial; Joaquim Capela, estudante; José Severino G. dos Santos, estudante; Gustavo Nunes Reis, ferro-viário; Virgílio Antunes Leitão, estudante; Elvira Ferreira, médica; Maria Emilia Ferreira de Abreu, médica; Zulmira dos Santos Pereira, médica; Avelina Vitor, médica; Ernestina do Céu A Teixeira, médica; Carolina Miranda, doméstica; Aurora Ramos Marques, doméstica, Alvaro Santos, emp. comercial; Hernani Rodrigues, emp. com.; Joaquim Neves, Encadernador; Manoel Pinto, emp. com.; Benjamina Monteiro doméstica; António Vieira da Cruz Júnior, emp. com.; Delfim Correia da Silva, alfaiate; Júlio Alberto Rodrigues Leite, electricista; Alfredo Portugal, industrial; Manoel B. Fernandes, comercial; António Portugal, ornador; Alfredo Silva, industrial; José Sousa, domador; Rios Souza, domador; Emídio dos Santos Araújo, negociante; Coelho do Couto negociante; Agostinho Leite, negociante; Rosalina Pereira Dalos, industrial; Domingos da Silva, industrial; Victor Correia da Silva, alfaiate; Joaquim Santos, industrial; Américo Oliveira Araújo, encadernador; Joaquim Oliveira Araújo, encadernador; Maria Rosa Oliveira, doméstica; Belmira Rosa Oliveira, doméstica; João Nascimento Ferreira; Augusto Emídio dos Santos, com.;

(Continua no próximo número)

# UMA PÁGINA DE RISO

## RAZÕES...

**U**M médico, tendo uma disputa com outro sugeito, ameaçou-o de o matar.

— Disso não tenho eu medo, lhe respondeu o outro, porque nunca o mandarei chamar quando estiver doente.

### Olha para o que eu digo...

Numa pequêna aldeia minhota, havia um padê muito conhecido pela sua avareza. Jamais dera uma esmola a um pobre, jamais descontara um ceitil nos avultados réditos da congrua. Certo dia foi instado para prégar sermão numa outra aldeia vizinha da sua. Não hesitou.

Ele não era lá muito bom sermônista, mas o trabalho devia render-lhe uns chorados escudos e pela manhã do domingo marcado, montado no seu gericó, fêz a curta viagem.

Já no púlpito e quasi no fim do sermão aconselhava: — e é bom não esquecer que nunca se deve deixar de dar esmola aos pobres.

Um paraquiano ladino, conhecendo de sobejo a avareza do moralista, logo que o topou a sós na sacristia perguntou-lhe:

— Porque se não deve deixar de dar esmola aos pobres sr. Prior?

— É que... é que não se sabe se chegarão a ser ricos.

### Em familia

No fim de uma reunião elegante, Chiquito com sua mãe e sua avó retira-se para um canto da sala, entreendendo-se a ver um velho livro de figuras.

Cada boneco merecia do Chiquito, criança muito esperta, uma frase que enchia de júbilo a avósita e entontecia de alegria a extremosa mãe. Mais senhoras se vão juntando ao pequeno grupo e de aí a pedaço era Chiquito, com as suas frases, o enlévo de toda a gente ali retinida.

É agora uma catedral antiga em que medonhas gárgulas substituem as goteiras da fachada, que prende a atenção da criança inteligente.

— Oh! Mamã — disse, com o dedo a apontar a mais feia carididade, esta cara parece a da avósinha...

— Isso não se diz, insinuou a mamã ruborizada...

— Não faz mal. Este monstro é de pedra e não ouve.

### Escrúpulos

— O senhor casava com minha filha, se eu não lhe desse dote?

— Sem dúvida...

— Então retire-se, que não quero idiotas na familia.

— O meu amo tem uma corrente que pesa dois quilos.

— E como pode andar com ela?

— Porque é óca.

— Estou tão afeito a não fazer nada, que se um dia arranjar trabalho, considero-me desem-pregado.

## Folheando Antiguidades

**H**AVIA em Coimbra um lente sumamente ambicioso de obter uma mitra e mesmo se jactava de a merecer e ser dela digno, porém nunca a conseguiu. Um dia, em certo ajuntamento, dando-se-lhe parte de alguns colegas seus que tinham sido despachados, disse:

— «Valha-me Deus, chovem as mitras nesta Universidade e não é uma para mim; se fossem albardas talvez me contemplassem».

**U**MA mulher muito feia, por qualquer coisa intentava uma demanda; desesperado, seu marido, com tanta traça, disse-lhe um dia:

— «Porque não intentas também uma demanda contra teu pai e tua mãe, de te fazer tão feia?»

**H**OUVE em Lisboa um cortesão que andava sempre muito asseado. Um dia apareceu no Paço coberto de luto, mas tendo ido montado num cavalo arreiado de gala, todo enrançado e vistoso. Alguns amigos, desejosos de saber que novidade era aquela, perguntaram-lhe:

— «Olha lá, que queres dizer isso, cavalo de gala e cavaleiro de luto?»

— «Sim, respondeu ele, eu venho de luto porque morreu meu pai e o cavalo vem de gala para que todos saibam que nenhum parentesco tinha com ele».

**O** Provedor da Alfândega de Lisboa, José Correia, mandou às Sete Casas para lhe darem livre de direitos uma pouca de palha que tinha mandado vir do Ribatejo.

Respondeu-se-lhe:

«Certifique como é do senhor Desembargador e Provedor desta Alfândega».

Atesta êle o seguinte:

«No barco de Manuel Nunes, clérigo, vem um barco de palha para meu gasto, e como tenho tenção de fazer mais um ou dois barcos, e não pareça muita palha, declaro que tenho na minha quinta de Alcântara oito bestas, duas à boleia, que a levam e trazem, uma que traz o jantar, o cavalo de meu filho, uma mulhinha de cria, uma burra que é sua mãe, duas outras bestas que andam na nora; tôdas comem, e eu assino.

José Correia.

## RIGORES...

**O** abade Feuillet, célebre pregador do tempo de Luis XIV, assistia um dia de jejum à consoada deste monarca. Ao levantar-se da mesa, o rei, tomou mais um biscoito e virando-se para Feuillet, disse-lhe rindo-se:

— Isto não fará perder o jejum?

— Tende caridade, senhor, respondeu o abade, e comel uma vitela.

### HERÓDES.

— Nasci no mesmo dia, à mesma hora, no mesmo mês de meu pai.

— Oh! diabo! Então são gémeos.

### No barbeiro

Toda a gente conhece a verbosidade do barbeiro. Certa tarde um escritor, lendo o jornal, senta-se numa cadeira e dá ordens ao figaro para lhe fazer a barba.

— Com que então o mundo vai acabar, — começa o oficial barbeiro.

— E parece que os homens morrem todos no dia seis, estando o dia quatro destinado aos animais. Que lhe parece?

— Que não tenho quem me faça a barba no dia cinco — disse rapidamente o escritor.

— Então tu, filho de um banqueiro, deixaste a contabilidade e vieste para este officio — pergunta o cliente ao barbeiro que o penteia?

— Foi uma pequena sanga com meu pai, que me despediu do seu serviço mandando-me pentear macacos.

Um judeu enchia de ar um grande balão. Um vizinho perguntou-lhe se o balão se destinava a alguma festa...

— Não. E que com esta crise, a gente não sabe se nos vem a faltar o ar e o homem prevenido vale por dois.

## Concordas?!

Filha! Espera um pouco! Não te apresses! Deixa ver se resolvo isto em familia, e enquanto passo as noites de vigília, faz, p'la nossa vitória, ardentes preces!

Não posso recusar o que ofereces, seria para ti uma quizzilia, e sempre chega p'ra comprar mobilia, daquela que tu gostas e mereces!

Mas 'inda falta o resto! E a nossa vida não deve ser de ralhos nem de gritos, precisamos a bolsa fornecida!

Tu podes ter um gesto, e dos bonitos, arraujas uma chave parecida e pilhas ao teu pai trinta contos!

XOUXA PINTO



# EUROPÊA

## COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO  
SEGUROS MARÍTIMOS  
SEGUROS DE CAUÇÕES  
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS  
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO  
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS  
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS  
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL  
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM  
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES  
Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

# MALZCAFÉ

CAFÉ DE CEVADA manipulado pelo sistema KNEIPP, dando a impressão do verdadeiro café, é o melhor para ser usado por tôdas as pessoas a quem o uso do café vulgar esteja proibido.

**Pacote**

de 250 gramas

**1 \$ 50**



Fornecem amostras grátis os depositários gerais:

**REIS & C.ª EM C.ª** (POR ACCÕES)

21, Rua das Flores, 25 — PORTO

À venda em tôdas as boas mercearias

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA